

INICIATIVA LIBERAL

Divisão liberal tem primeiro teste este domingo

Nos bastidores, apoiantes dos dois candidatos à liderança do IL alertam para os riscos de um partido mais conservador ou mais progressista

LILIANA COELHO

Pela primeira vez, a disputa interna do Iniciativa Liberal (IL) coloca à prova o partido. Os candidatos à liderança do IL pedem elevação no debate, mas a campanha interna já aqueceu, com trocas de acusações de caciquismo e colagem à ala conservadora. Nas plataformas liberais "o circo está a pegar fogo", segundo vários membros do partido ouvidos pelo Expresso. Nas redes sociais o cenário era também idêntico, mas já acalmou. Agora, os apoiantes de Rui Rocha e Carla Castro manifestam-se "dentro de portas", enquanto aguardam a data da convenção, que será definida este domingo, no Conselho Nacional que vai reunir-se em Coimbra.

"É o jogo do vale tudo", diz ao Expresso Rafael Corte Real, membro da comissão executiva (direção), que já declarou apoio a Carla Castro e que confessa não ter apreciado a "jogada política" de Cotrim Figueiredo e Rui Rocha. "A forma como se lançou o candidato é lamentável. Era terrível se houvesse só uma candidatura", de fende, apontando para o forte apoio que a candidata tem nas bases.

Enquanto coordenadora do gabinete de estudos do IL, Carla Castro teve que trabalhar diretamente com vários núcleos do partido: "Ganhou, assim, projeção, e agora é muito reconhecida pelas bases", vinca. "No entanto, o apoio de Cotrim Figueiredo e a narrativa da continuidade — e do lema 'liberalismo em toda a linha' — podem jogar a favor de Rui Rocha", observa.

O coronel Nuno Simões de Melo, que encabeça a lista B ao Conselho Nacional, de uma linha mais conservadora, admite que tem mantido contactos com a candidatura de Carla Castro, mas garante que "está tudo em aberto". Contudo, a sua lista tentou negociar lugares na lista da comissão executiva em troca de apoio, o que foi rejeitado por Carla Castro, sabe o Expresso. "Queremos que o IL se assuma na direita, não somos progressistas. Às vezes, o IL abre-se a um conjunto de causas que mais parece uma melancia azul, liberal por fora e bloquista por dentro", critica o coronel, que não gosta de ver tanto liberalismo nos costumes.

Ala social da Carla Castro a conservadores

Opinião diferente tem Maria Castello Branco, que esteve na direção do IL em 2019 e que representa a ala do liberalismo social (à esquerda), que pretende associar o liberalismo nos chamados temas fraturantes ao liberalismo económico. Admite que teme que a candidatura de Carla Castro represente um partido mais conservador: "Há pessoas atrás da candidatura de Carla que estão órfãs e que gostavam de tornar o IL num partido mais conservador. Até achava que estaria mais na minha linha ideológica, mas se se associar aos ultrac conservadores corre o risco de ser cancelada", alerta. Em 2019, Maria Castello Branco apre-

sentou um manifesto feminista, que contou com o apoio de Carla Castro, e em maio deste ano ambas foram subscritoras de uma carta aberta a pedir a consagração da violação como crime público. Mas agora estão em lados opostos.

"A ala mais conservadora tem um antagonismo muito forte às questões sociais, que foram sempre bandeiras do partido desde o início. Acho que não nos podemos tomar num MRPP da direita, com

purismos ideológicos, a dizer isto é que é o liberalismo. O liberalismo é plural e as várias tendências que existem nos partidos podem coexistir desde que se respeitem os princípios basilares", reforça.

Questionada sobre se admite integrar a direção de Rui Rocha, Maria Castello Branco diz que está disponível para "ajudar o partido naquilo que for preciso" e regressar à direção: "Mas a decisão cabe a Rui Rocha e respeitarei sempre", nota.

Já a equipa de Carla Castro tem-se esforçado para contrariar a colagem da sua candidatura à ala mais conservadora. E nas últimas entrevistas e declarações aos jornalistas a candidata foi aconselhada mesmo a realçar que foi sempre a favor da legalização da prostituição e das drogas leves e da morte medicamente assistida (eutanásia). O objetivo é contrariar o rótulo e conquistar o apoio dos membros mais jovens e mais progressistas.

Cinco listas para o Conselho Nacional

As diferentes correntes — liberalismo clássico, liberalismo conservador e liberalismo social — também estarão traduzidas nas listas para o Conselho Nacional. Ao que apurou o Expresso, já existem cinco listas para este órgão — o mais importante entre convenções —, sendo que algumas delas defendem um menor peso de membros da comissão executiva e uma maior descentralização. Por agora, o líder parlamentar, Rodrigo Saraiva, vai mantendo a equidistância, confiante de que todas as correntes são conciliáveis no partido. E vai caber-lhe, nos próximos tempos, a tarefa de manter unido um grupo parlamentar em que estão os dois candidatos e ser ainda mais a cara do partido onde muitos falam dele como o grande motor e agregador.

A comissão executiva deverá manter a linha de continuidade a nível programático — a maior dúvida reside na estrutura organizativa. "Há um candidato, Rui Rocha, mais da linha de continuidade, porque conta com o apoio do atual líder, e outra, Carla Castro, que agrega insatisfeitos e descontentes com essa linha. A nível de ideias ambos garantem com continuidade, a candidata é que poderá representar alguma ruptura na estrutura interna", frisava André Azevedo Alves, professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica. A estratégia de "coabitação" das várias linhas liberais também deve ser mantida, mas o partido deve ter cautela e evitar "confitualidade" e campanhas internas "muito agressivas". "Convém não esquecer que o IL não tem o capital político que o CDS teve, e, mesmo assim, perdeu a representação parlamentar", adverte o académico.

António Costa Pinto considera que estão em causa candidaturas de "afirmação interna" e com pouco impacto na perceção dos eleitores. A campanha eleitoral no IL, defende o politólogo, para além de "eventuais linhas ligeiramente demarcadas" entre as listas, vai acabar sobretudo por marcar a identidade organizativa do partido. "É o primeiro teste à sua capacidade organizativa".

Mas não antevê para já um cenário em que, mais à direita ou à esquerda, o IL se posicione junto das camadas mais populares. "Os partidos não se conseguem reinventar e, portanto, a curto prazo o IL vai ser exatamente o mesmo: mais elitista e urbano."

lpc@bojexpresso.impressa.pt



Prioridade para o PSD é combate ao Governo

PSD não aproveita para ir ao 'mercado eleitoral'

Sociais-democratas atentos ao que se passa, mas dizem que não olham "pelo retrovisor" para a disputa interna na IL

A posição oficial do PSD relativamente à disputa interna na Iniciativa Liberal (IL) é de respeito pela "dinâmica própria" dos partidos. Também os sociais-democratas estiveram envolvidos em refregas mais ou menos espinhosas, a última das quais, bem recente, para eleger o atual líder, Luís Montenegro. Por isso, a direção nacional do PSD opta pelo distanciamento e garante não estar a "olhar pelo retrovisor" para os liberais. No entanto, há quem admita que as eleições internas na IL são de "extrema importância" para o PSD. "Ideologicamente, estamos a falar de vizinhos que têm uma constância a roubar-nos eleitoralmente", admite ao Expresso uma fonte parlamentar, acrescentando que poderá ser necessária "uma nova postura" dos sociais-democratas para captar os eleitores que lhes fugiram.

Tudo dependerá de virar ou não uma abordagem mais "popular" — ou populista —, que João Cotrim de Figueiredo, líder demissionário da IL, disse não ser capaz de personificar quando anunciou que não seria candidato às eleições antecipadas de dezembro. Se os liberais optarem pela vertente populista, isso "abre espaço" para o PSD ir buscar eleitorado que perdeu, porque "já há um partido populista no sistema democrático, o Chega", equaciona a fonte social-democrata. Nesse cenário, "como partido responsável, do eixo governativo e de centro-direita", o PSD estará "mais liberto para pisar o olho ao eleitorado". Caso os liberais optem por manter a estratégia seguida até aqui, o PSD estará obrigado a "repensar a sua abordagem" — sobretudo junto do eleitorado jovem, para quem a IL tem "uma mensagem muito direta".

Luís Gomes, vice-presidente da bancada parlamentar social-democrata, não vê a atual turbulência entre os liberais como "uma oportunidade específica" para o PSD se lançar no mercado eleitoral. "Temos uma direção recentemente eleita que está a implementar um programa diferente, com uma mensagem diferente, e que está a ir ao encontro de eleitorado que temos vindo a perder", diz ao Expresso. É na defesa de um programa alternativo à governação socialista, capaz de preencher "o espaço social do PSD" — "desde o centro-esquerda até à direita" —, que os sociais-democratas devem estar focados, acrescenta.

Para António Leitão Amaro, vice-presidente do PSD, há "duas maneiras" de um partido abordar o mercado eleitoral: uma é "olhar pelo retrovisor e agir em função dos calendários dos outros", a outra — que é a do seu partido, sublinha ao Expresso — é de "marcação" ao Governo e não a partidos "e muito menos a partidos mais pequenos". Desafiado pelo Expresso a manter a sua meta fora rodoviária para sinalizar que tipo de carro é o PSD, Leitão Amaro atala: "É a fazer o nosso caminho para sermos nós o carro onde mais gente quer entrar."

A sondagem ICS/ISCTE de março deste ano revela que foi para a IL que o PSD perdeu mais votos entre as legislativas de 2019 e as de janeiro último. No entanto, Susana Rogeiro Nina, investigadora e professora de Ciência Política na Universidade Lusófona, afirma ter "muitas dúvidas" de que a mudança de liderança e uma eventual alteração de rumo da IL levem o PSD a adotar uma estratégia para captar o eleitorado dos liberais. "A atual liderança do PSD vê a IL como um junior partner num futuro governo e, portanto, não terá grandes dividendos

"A atual liderança do PSD vê a IL como um junior partner num futuro governo", diz Susana Nina

em afrontar ou antagonizar ostensivamente um eventual parceiro", justifica ao Expresso.

Um eventual "isolamento a dois" de sociais-democratas e liberais contra a taxa de lucros extraordinários entra nessa perspectiva de entendimento entre o PSD e um "futuro parceiro de governo". A académica afirma mesmo que "mais do que marcar uma posição face ao que de longe para a política económica", o posicionamento do PSD "marca um distanciamento em relação a ideias consideradas populistas e o delimitar de uma estratégia de longo prazo". Isto numa "tentativa de mostrar, desde já, que o PSD e a IL são um bloco e uma alternativa que procura aparentar alguma moderação". Leia-se: numa solução governativa que possa prescindir do Chega.

Acontece que o PSD ainda não tem uma "posição fechada" quanto ao que fazer sobre os lucros extraordinários, porque "não há propostas", justifica Leitão Amaro.

HÉLDER GOMES
hg@bojexpresso.impressa.pt



Maria Castello Branco,
Rodrigo Saraiva
e Nuno Simões de Melo